

A Relação de Objeto em Três Atos.

Angelo Patricio Gomes Sergio

Do que o estudo da psicanálise trouxe a partir do andamento das aulas do Seminário Teoria das relações de Objeto I, no que concerne estabelecer entendimento sobre o que seja, a relação de objeto e suas implicações adstritas entre seus elementos - implicados a responder à função do desenvolvimento psíquico dos sujeitos – é de onde parto mais ainda motivado a estudar, pois o aprendizado em Klein se mostrou por demais significativo. De modo que cabe muito precisamente apontar que aquilo que se tornou significativo na aprendizagem, através do ensino do conteúdo teórico, se fez assim, porque a massa dos conteúdos expostos ali foi malhada a frio na forja das problematizações muito bem oxigenadas pelos imperativos das interrogações sobre os desdobramentos da teorização kleiniana, a respeito da relação de objeto. Processo que consubstanciou, por meio de ação dialética os frios conteúdos ordenados à moda “escolástica”, contudo, a partir daí muitas vezes reflexionados, razão pela qual produziram como resultados um acúmulo de conhecimentos, então elevados à categoria de saberes. Ditos no plural e acrescido de qualificação: saberes significativos.

Entretanto, - o mais complicado – ampliar o campo desses saberes exigiu investigação para além de Klein um recorrido às visões conceituais de Freud e Lacan entre alguns confrades seguidores kleinianos, dado a um simples, mas não menos complexo motivo de que o momento de chegada à clínica psicanalítica e, portanto, de exposição ao lugar do analista faz explicitar de modo inegável a exigência de que o candidato se autorize mais ainda ao lugar de continente investigador da teoria, o que se traduz na melhor alternativa à compreensão das demandas clínicas.

De modo que, passo daqui à exposição de alguns aspectos da relação de objeto estabelecida em Freud, a partir de como o termo vai aí situado à teoria. Ora, vejamos, no arcabouço freudiano a sexualidade, a pulsão sexual na ordem das representações psíquicas, por exemplo, estaria presente desde o início dos processos psíquicos à condição objetual (ligadas à qualidade e quantidade). À medida que a conceitualização avança encontramos referência ao “objeto de amor” o que denota a passagem à ideia de escolha objetual, por exemplo, amorosa, homossexual, narcísica, entre outras. Contudo, com destaque específico aquela considerada a principal e primária, na qual o bebê estabelece relação com o “seio materno”. Relação de objeto primeira que se faria sempre forçosa em demandar suas exigências às relações ‘a posteriori’ estabelecidas pelo sujeito, com outros objetos, ao longo da vida. Entrementes, à consideração exposta soma-se a “identificação” tida como o mecanismo essencial à relação de objeto determinante quanto aos resultados que produz em razão de seu tipo e intensidade. De modo que, a escolha objetual em Freud se dá a partir do mecanismo de identificação do “bebê” com o “seio materno”, garantidor da sobrevivência real do bebê, a partir da erogeneização do corpo biológico. De modo que há contribuições da vida arcaica por meio de seus rudimentos, aquilo que mais tarde será reconhecido como o “Complexo de Édipo”.

Contudo, a continuidade da reflexão do tema avançou e Melanie Klein a partir de 1946 promove inovações importantes à teoria das relações de objeto, que segundo Petot (2003), *“quanto à clivagem passa a ser vista como uma estratégia defensiva do ego, e não mais como efeito de imaturidade dos aparelhos perceptivos e motores”*. Mais: quanto à clivagem do ego, a inovação se consagra pela afirmação de que esse processo de *“clivagem do ego é um subproduto da clivagem do objeto considerando o aspecto que leva em conta a não-integração do ego primitivo”*. Assim que a conclusão é que o *“ego não pode clivar o objeto sem clivar a si mesmo”*. Razão que sustenta a pergunta que ainda hoje não cala: *“o despedaçamento do ego seria uma defesa contra as pulsões, tendo a operação o efeito de reduzi-las ou dispersá-las, por serem assim menos aflitivas?”* Desse modo, podemos consignar que a evolução da teoria kleiniana engendrou uma quebra de paradigma essencial à produção clínica contemporânea, pois o deslocamento do processo

de clivagem da posição “*depressiva*” para a “*paranoide*” ou “*esquizoide*” abriu o campo às considerações originárias sobre os mecanismos que resultam ou facilitam a instalação das psicoses, ou, os funcionamentos psicóticos, borderline e, ou, limítrofes e que apontaram um caminho na análise, à leitura da relação de objeto, já no desenrolar do labirinto da vida arcaica.

Já Lacan, em sua teoria, aborda a relação de objeto a partir da instituição da falta, ou, de uma relação com a falta do objeto, ou, do objeto faltante. De modo que a falta na perspectiva lacaniana é fundadora do sujeito. Contudo, o relevante do porquê faço a abordagem a esse autor, diz respeito ao ponto mais essencial de suas formulações, no meu entender sobre a posição do analista quanto ao direcionamento e manejo do processo de análise ligado à relação de objeto. Em vista das reedições provocadas pelo uso da técnica e seus efeitos sobre o tratamento. De sorte que da aproximação aos três termos de referência da falta de objeto, a saber: privação, frustração e castração, é que me permito perguntar com Lacan: “*o que é o objeto que falta nesses três casos (registros)?*”.

À pergunta não tenho ainda resposta suficientemente acabada, contudo, não tê-la de per si é desde já indicativo de que a falta quanto ao objeto, mesmo em se tratando da linguagem, é o combustível que põe em movimento o carro alado do desejo. De sorte, que as faltas do analista devem ser sempre revisitadas na análise pessoal, pois elas depois de clarificadas, ou, apresentadas, podem assumir o papel de bússola de orientação ao tratamento, indicando os passos de retorno ao primitivo infantil do paciente.

Bibliografia

Jean-Michel Petot; **Psicanálise: Melanie Klein II**; Perspectiva; SP; 2003;

Lacan, Jacques; **O Seminário 4: A relação de Objeto**; Zahar; RJ; 1995.

Klein, Melanie ; **Inveja e gratidão e outros trabalhos**; 1946-1963; Imago; RJ; 1991.

Klein, Melanie; **Amor culpa e reparação**; 1921-1945; RJ; Imago; 1996.